
Toda a colaboração é solicitada. A doutrina dos artigos é da exclusiva responsabilidade de quem os subscrive.

NA CAPA: Fálgaros. Manjar conventual originário do Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção da Tabosa, Freguesia do Carregal, Concelho de Sernancelhe.
(Foto José Alfredo)

EDEN GRÁFICO, S.A.
Fotocomposição, Montagem, Gravuras, Impressão e Acabamentos
Rua dos Casimiros, 21 - Telef. 232 425 048 / 232 425 032 - Fax 232 422 617
Apartado 2047 - 3501-909 Viseu

BEIRA ALTA

REVISTA SEMESTRAL PARA A PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTOS
E ESTUDOS RELATIVOS ÀS TERRAS DA BEIRA ALTA

VOLUME LXXV

ANO 2016
1º SEMESTRE

DIRECTOR:
ALBERTO CORREIA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE
Comunidade Intermunicipal
Viseu Dão Lafões

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
COMUNIDADE INTERMUNICIPAL
VEIU DÃO LAFÕES

Rua Dr. Ricardo Mota, 16
3460-613 Tondela

ISSN - 2183-6604
Depósito Legal N.º 136130/99

ASSINATURA ANUAL	12,50 €
NÚMERO AVULSO	7,50 €
NÚMERO DUPLO	15,00 €

SUMÁRIO

Os reflexos culturais da emigração portuguesa para o Brasil nos finais do século XIX e inícios do século XX - um olhar a partir do Folclore	1	Jaime Ricardo Gouveia
Arqueologia na cidade de Viseu: o edifício na Rua Dr. Luís Ferreira (Rua do Comércio), nº 108-114.	59	Pedro M. Sobral de Carvalho Maria de Fátima O. Beja e Costa Carlos Alves
A Capela de S. Marcos como memorial da Batalha de Trancoso	123	Maria A. C. Athayde Amaral
Lagaretas rupestres de Bodiosa (Viseu)	163	Jorge Adolfo M. Marques
A desaparecida capela de Santa Cruz em Cavernães	173	Carlos Filipe Pereira Alves
Fálgaros - Um Manjar Conventual	195	Alberto Correia
Alexandre Metello de Souza e Meneses embaixador de Portugal à China	227	João Carlos Metello de Nápoles
Recensões Críticas	271	José Pedro Paiva
In Memoriam	287	Manuel Cadafaz de Matos
Notas & Comentários	295	Alberto Correia

Os reflexos culturais da emigração portuguesa para o Brasil nos finais do século XIX e inícios do século XX - um olhar a partir do Folclore

Jaime Ricardo Gouveia¹

Introdução

A emigração portuguesa para o Brasil nos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX não é, em termos historiográficos, terra ignota. Como bem asseveraram Fernando Sousa, Ismênia Martins e Conceição Meireles, no livro por si coordenado e publicado no ano de 2007, não obstante o tema ter já sido objeto de inúmeros trabalhos de apurada qualidade científica que, no seu tempo, marcaram o campo, ainda condensa em si uma forte potencialidade analítica e reflexiva². Dir-se-á, num exercício retrospectivo, que o apreciável labor da historiografia neste

¹ Doutor em História e Civilização pelo IUE – Florença. Investigador integrado do CHAM-Universidade Nova de Lisboa e do CHSC – Universidade de Coimbra. Professor colaborador da pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas.

² Ver SOUSA, Fernando; MARTINS, Ismênia; PEREIRA, Conceição M. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 5-7.

domínio redundou em trabalhos parciais cujas conclusões foram, não raro, erroneamente extrapoladas para toda a emigração portuguesa. O assunto continua, porém, em voga, e exemplo disso é o artigo intitulado *Escravidura branca*, da autoria de Susana Serpa Silva, publicado na edição de Agosto da *Revista de História da Biblioteca Nacional*³.

Eximir-me-ei de concertar um estado da questão, por ser denso o volume da produção e por considerar que esse exercício está já bem alindado noutros trabalhos⁴. Há que sublinhar, todavia, a importância do aparecimento do projeto do CEPESE – Centro de Estudos da População Economia e Sociedade, que produziu uma plataforma *online* com suporte de base de dados dos emigrantes portugueses para o Brasil, registados de 1835 em diante nos livros de registo de passaporte de alguns distritos das regiões portuguesas do norte e centro.

Continua a ser parcial, porém, o olhar que se tem acerca do fenómeno da emigração, sobretudo no que diz respeito aos seus refluxos⁵, sendo aqui que entronca o problema científico que este estudo pretende resolver, e que se alicerça nas seguintes questões: é possível encontrar no Folclore eco da aculturação dos portugueses emigrados no Brasil e respetiva disseminação no país de origem através do refluxo dos mesmos? Que impacto surtiu? Sobre que regiões? Quem foram os principais fios condutores dessa transmissão?

Depois de se apresentar um breve enquadramento geral das causas, das consequências e das estatísticas do fenómeno emigratório português para o Brasil nas centúrias de Oitocentos e primeiras décadas de Novecentos, com um enfoque privilegiado no distrito de Viseu, aflorar-se-ão essas questões usando como unidade de análise as letras da música popular portuguesa. Pela primeira vez se coligirão algumas das modinhas datadas dos inícios do século XX, provenientes de várias regiões, que

³ Ver SILVA, Susana Serpa. *Escravidura branca*. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 10, n.119, 2015, p. 76-79.

⁴ Veja-se, entre outros, o trabalho de PEREIRA, Miriam Halpern. A emigração portuguesa para o Brasil e a geo-estratégia do desenvolvimento euro-americano. In: SOUSA, Fernando, et. al. *A emigração...*, cit., p. 41-50.

⁵ Lacuna já notada em MARTINS, Ismênia de Lima. *Relações e registos sobre a emigração portuguesa no Rio de Janeiro*. Uma análise crítica das fontes. In: SOUSA, Fernando, et. al. *A emigração...*, cit., p. 69-88.

fazem eco de como a emigração massiva estava presente no quotidiano e no subconsciente dos que ficavam e permitem estudar o refluxo cultural protagonizado pelos que partiam.

1 - Numa Europa de fluxos, um país que se esvaziou

Existe hoje uma pluralidade de fontes, tanto nos arquivos portugueses, quanto nos arquivos brasileiros, que permite estudar a emigração portuguesa nos finais do século XIX e inícios do século XX, abarcando portanto o designado período de *Grande Emigração* (1890-1914)⁶. Entre elas, os registos dos passaportes têm sido os que mais atenção têm concitado, por serem fontes acessíveis e prolixas⁷.

Estes fundos documentais espelham bem o quão massivo foi o trânsito de portugueses para fora do seu país. Miriam Halpern Pereira notou o carácter único desta emigração, estimando que entre 44 e 52 milhões de indivíduos fizeram a travessia, estatística superlativa e que se distancia inequivocamente dos movimentos migratórios ocorridos nos anteriores sistemas coloniais⁸.

A situação do Brasil não foi, contudo, isolada. Entre 1800 e 1850 a população da antiga América espanhola aumentou 98%, no Brasil subiu 150% e nos EUA o crescimento atingiu 220%. Até meados do século XX o principal destino da emigração mundial continuou a ser os EUA. A Argentina tornou-se entre 1880 e 1930 o segundo maior destino da emigração europeia devido às condições atraentes para os estrangeiros, cujos direitos eram muito semelhantes aos dos cidadãos nacionais. Para fazer face a estes dois concorrentes, EUA e Argentina, o Brasil virou o

⁶ Ver MARTINS, Ismênia de Lima. *Relações e registos sobre a emigração...*, cit.; KUSHNIR, Beatriz. *Traços da imigração portuguesa no acervo do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. In: SOUSA, Fernando, et. al. *A emigração...*, cit., p. 89-102; PEREIRA, Maria A. F.; FRUTUOSO, Maria S. G. Fontes para o estudo da presença portuguesa em Santos. In: SOUSA, Fernando, et. al. *A emigração...*, cit., p. 283-290; MATOS, Maria Izilda S. de. *Imigração portuguesa em S. Paulo: perspectivas e possibilidades de investigação*. In: SOUSA, Fernando, et. al. *A emigração...*, cit., p. 291-304.

⁷ Ver CORDEIRO, Luciano. *Emigração. Relatório e projecto de regulamento*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883, p. 12-13.

⁸ Ver PEREIRA, Miriam Halpern. *A emigração...*, cit., p. 41-50. A autora sublinha, com toda a propriedade, que emigração e escravatura raramente são abordados em conjunto e que foi a presença massiva de escravos no sistema colonial que determinou a reduzida dimensão da emigração europeia e o seu forte controlo nesses períodos.

foco para a mão-de-obra portuguesa, não deixando, no entanto, de continuar a receber emigrantes de outras latitudes. Mas foi efetivamente a dominância esmagadora do destino brasileiro, no período em estudo, que distinguiu a emigração portuguesa das demais, nomeadamente da Itália, Espanha e até do próprio país luso em períodos posteriores⁹.

A partir dos anos 30 e, mais vigorosamente nas últimas décadas do século XIX, Portugal viveu um verdadeiro fenómeno de emigração, o que se deveu, em grande medida, a razões conjunturais. Por um lado, o desequilíbrio da estrutura socioeconómica portuguesa, causado por crises agrícolas como a da filoxera, que depauperara a economia da região do Douro em torno da produção do vinho. Os jornaleiros que de várias regiões do país sazonalmente aí labutavam ficaram sem trabalho, acabando por emigrar¹⁰. De resto, Ramalho Ortigão, em *As Farpas*, aludia à questão, referindo que entre as várias causas que explicavam o fim do antigo Douro estava o *brasileirismo*¹¹.

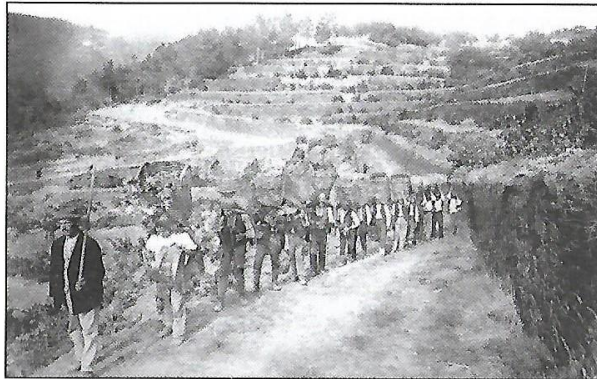


Fig.1 – Jornaleiros do Douro no ciclo da vindima, inícios do séc. XX

⁹ Ver PEREIRA, Miriam Halpern. *A emigração...*, cit., p. 45-48.

¹⁰ Ver AMARO, António M. A. Rafael. *A emigração portuguesa da Beira Alta (1890-1939). Revista do Jubileu da Casa das Beiras*, edição especial, 2004, p. 80-83.

¹¹ Ver ORTIGÃO, Ramalho. *As Farpas*. 4.ª ed. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1925, p. 142.



Fig.2 – Jornaleiros do Douro no ciclo da vindima, inícios do séc. XX



Fig.3 – Jornaleiros do Douro na pisa da uva, inícios do séc. XX

Na longa depressão europeia de 1873-1895, ao contrário de outros países, já industrializados e com um capitalismo dinâmico, Portugal continuava a mover-se numa economia quase de Antigo Regime, muito embora o comportamento demográfico apresentasse excedentes de mão-de-obra¹².

¹² Ver PEREIRA, Miriam Halpern. *A emigração...*, cit., p. 41-50; MARTINS, Ismênia de Lima. Os portugueses e os outros no Rio de Janeiro: relações socioeconómicas dos lusos com os nacionais e demais imigrantes (1890-1920). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 174, n.º461, 2013, p. 81-103.

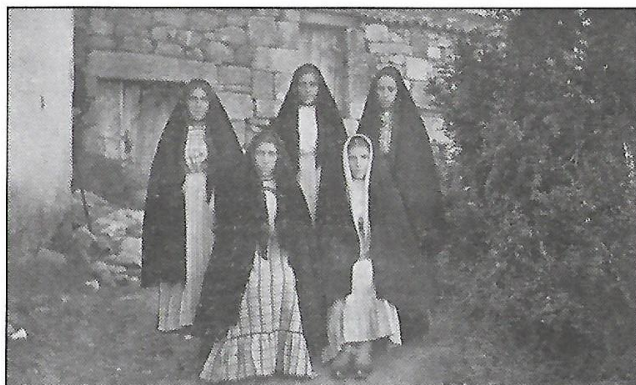


Fig.4 – Paredes do Guardão (Caramulo), vida dura no meio rural, inícios séc.XX

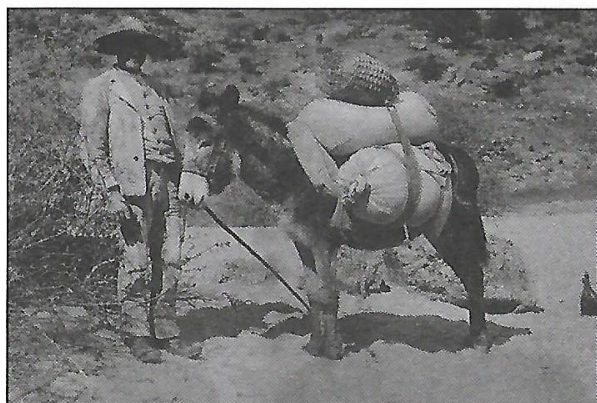


Fig.5 – Moleiro, a vida difícil do mundo rural, inícios do séc.XX

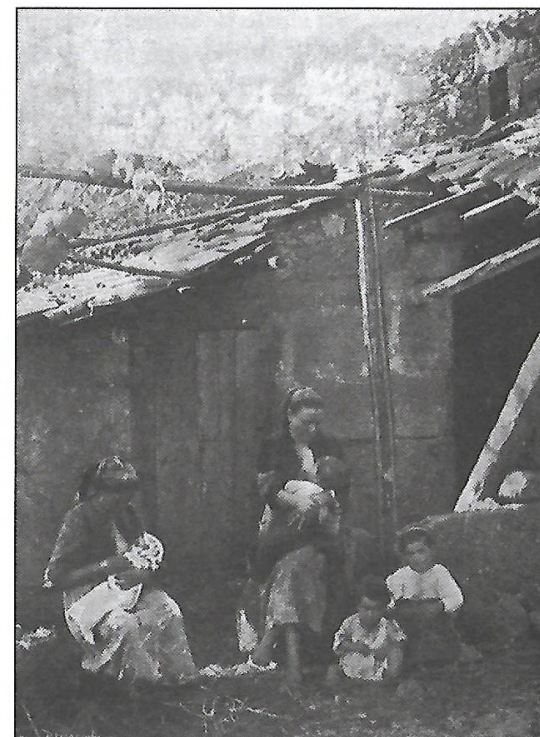


Fig.6 – A vida dura no meio rural português e a abundância de filhos, 1906

Por outro lado, esse surto migratório da segunda metade da centúria de oitocentos explica-se pelo apelo do mercado de trabalho, sobretudo brasileiro, provocado pela expansão da economia cafeeira no Rio de Janeiro, Santos e S. Paulo; e da borracha na Amazônia; pela extinção da escravatura e consequente passagem de uma sociedade escravagista para uma sociedade do trabalho livre; pela pretensão da elite brasileira aproveitar esse momento para obter o branqueamento da população; pelo desenvolvimento tecnológico que provocou uma revolução nos transportes, diminuindo assim, com a navegação a vapor,

a distância entre os continentes; e pelo investimento em infraestruturas de comunicação¹³. Em simultâneo, verificou-se uma aguerrida política de imigração adotada pelos governos de ambas as margens do Atlântico. A juntar a todos esses fatores, o mito do enriquecimento fácil, apoiado pelo exemplo dos *brasileiros de torna-viagem*, abastados, que regressavam ao país de origem, também foi um forte contributo. Um derradeiro fator digno de nota é a rede bem articulada de *engajadores*, que com destreza aliciava imigrantes, num negócio altamente lucrativo para os seus mentores e quase sempre desastroso para quem se deixava engodar, já que, sobretudo até à abolição da escravatura em 1888, mas inclusive depois, eram bastante ténues as fronteiras entre as condições e remunerações do trabalho livre assalariado e do trabalho escravo¹⁴.

Muitos dos emigrantes, movidos pela situação de miséria em que viviam, e animados a escapar ao serviço militar obrigatório, precipitavam-se na emigração ilegal. Entre 1855 e 1859, a título de exemplo, o cônsul português no Rio de Janeiro detectou a entrada de 1203 passageiros clandestinos face a apenas 452 legais. O mesmo se colhe do relatório redigido e publicado em 1914 pelo vice-cônsul português em Vitória, no Estado do Espírito Santo, que referia não existir no organismo que tutelava nenhum livro de matrículas que permitisse calcular o número de portugueses ali residentes, ao passo que indiciava existirem aí emigrantes em situação ilegal¹⁵. Os fazendeiros pagavam antecipadamente a viagem ao trabalhador e o valor era convertido numa dívida a ser descontada no futuro ordenado, vinculando os emigrantes

¹³ Esta tese do cariz racial de algumas pretensões das elites americanas, que também vigorava fortemente na Europa, é defendida por PEREIRA, Miriam Halpern. *A emigração...*, cit., p. 41-50.

¹⁴ Ver PEREIRA, Miriam Halpern. *A política de emigração (1850 a 1930)*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981, p. 15-21; WESTPHALEN, Cecília Maria; BALHANA, Altiva Pilatti. Política e legislação imigratórias brasileiras e a imigração portuguesa. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da, et. al. (eds.). *Emigração/Imigração em Portugal. Actas do Colóquio*. Alges: Fragmentos, 1993, p. 17-27; LOPES, Maria Antónia. Emigração e população em finais do século XIX. A miragem do Brasil no concelho da Meda (1889-1896). *Revista Portuguesa de História*, t.XXXV, 2001-2002, p. 389-417; FREITAS, Nuno. *Comunidade Piscatória Poveira: mudanças sociais e emigração em 1896*. Póvoa do Varzim: Câmara Municipal, 2009, capítulo V; MALSCHITZKY, Mário Estevam. *O "brasileiro" enquanto fenómeno social*. Coimbra: trabalho apresentado à FLUC – Universidade de Coimbra, 2010, p. 7-8.

¹⁵ Ver SANTOS, Alberto de Oliveira. *Colonias portuguesas em países estrangeiros. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 33.ª série, n.1, 1915, p. 31-37.

aos patrões durante longos anos, senão mesmo toda a vida, instaurando um fenómeno de “escravatura branca”, como defendeu há quase cinco décadas atrás Joel Serrão¹⁶.



Fig.7 – Trabalhadores dos Cafezais em S. Paulo, 1899

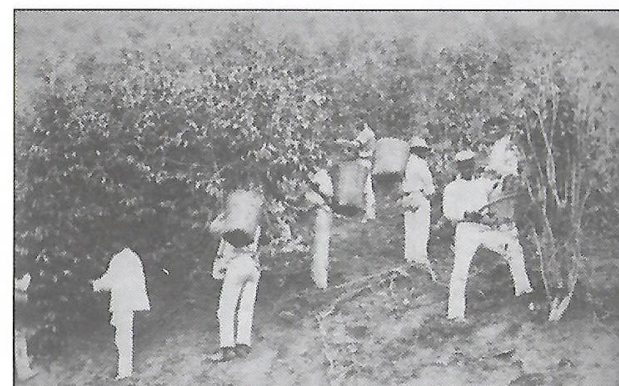


Fig.8 - Colheita do café, provavelmente no Rio de Janeiro, 1899. Acervo FBN

¹⁶ Ver SERRÃO, Joel. *Conspecto histórico da emigração portuguesa. Análise social*, 32, 8, 1970, p. 597-617, SILVA, Susana Serpa. *Escravatura branca...*, cit., p. 76-79.

Para além do domínio da língua do país onde as oportunidades se apresentavam mais promissoras; do acesso e da instalação mais fáceis pelas relações pessoais, familiares e locais enquanto base de apoio e circuito de informação; das condições jurídicas de instalação e naturalização; e das similitudes dos costumes; o Brasil como destino tinha, por conseguinte, uma política de emigração favorável devido à falta de mão-de-obra, facilitando o pagamento das viagens e garantindo a integração dos imigrantes em postos de trabalho. Importa referir, por fim, que as hostilidades herdadas do relacionamento colonial, apesar de existentes, não tiveram a dimensão das que se verificaram por exemplo entre a Espanha e as suas antigas colónias. Foi a aglomeração de todos estes factores que movimentou massas populacionais rumo à América. Não apenas para trabalhar nos cafezais ou nos seringais, mas também no comércio¹⁷.



Fig.9 – Caramulo, postal ilustrativo da vida difícil no mundo rural, incílios do séc.XX

¹⁷ Veja-se SERRÃO, Joel. *A emigração portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977, p. 111-115; PEREIRA, Miriam Halpern. *A emigração...*, cit., p. 45.

Excluindo a excepcionalidade de outras preferências regionais, nomeadamente a dos Açores para os EUA e a do Algarve para a Argentina, o Brasil foi o destino preferencial da emigração portuguesa na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX¹⁸. Os vários estudiosos da temática não foram unânimes na estatística, mas poder-se-á dizer que, no geral, entre 80 a 90% daqueles que emigraram na segunda metade do século XIX tiveram como destino o território brasileiro. Nos finais da centúria esse valor chegou aos 93%. Mas este valor ganha ainda mais expressividade juntando-lhe outra característica: a fixação ocorreu apenas em determinadas zonas do Brasil e não por todo o país. De 1870 a 1874, só a cidade do Rio de Janeiro absorveu 75% da emigração total¹⁹. Entre 1872 e 1881 o continente americano recebeu cerca de 130 mil portugueses, enquanto a África atraiu pouco mais de 3.300 e a Ásia apenas 95 indivíduos²⁰. Em 1872, de acordo com Lená Menezes, que estudou os primeiros recenseamentos gerais do Brasil, eram 55.933 os portugueses que estavam radicados no Brasil, os quais representavam 76,29% da população estrangeira. Em 1890 essa percentagem decaiu ligeiramente para 62,77%; em 1906 praticamente se manteve com uma ligeiríssima subida, 63,36%; e em 1920 já tinha descido dois pontos percentuais, situando-se nos 61,38%, uma vez que apesar de ter continuado a aumentar o número de portugueses

¹⁸ Em boa verdade, já na primeira metade do século XIX o Brasil era o destino preferencial da emigração. Veja-se SOUSA, Fernando; CIRNE, Teresa. *Portugueses no norte de Portugal com destino ao Brasil (1805-1832)*. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.) – *A emigração...*, cit., p. 489-491.

¹⁹ Ver FREITAS, Nuno. *Comunidade Piscatória Poveira...*, cit., p. 64-65; RODRIGUES, Henrique Fernandes. *Alto Minho no século XIX. Contextos Migratórios, socioculturais e familiares*. Porto: dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003, p. 555-588, 655-656; FERRARIA, Maria José; AMORIM, Paulo. *A emigração para o Brasil através dos livros de registo de passaportes do Governo Civil do Porto (1880-1890)*. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.) *A emigração...*, cit., p. 209-220; LOPES, Maria Antónia. *Emigração e população...*, cit., p. 416-417; SANTOS, Joaquim Loureiro dos. *A emigração do distrito do Porto para o Brasil no ano de 1947*. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.) *A emigração...*, cit., p. 221-236.

²⁰ CORDEIRO, Luciano. *Emigração...*, cit., p. 88; LOPES, Maria Antónia. *Emigração e população...*, cit., p. 392-393; PEREIRA, Miriam Halpern. *A política de emigração...*, cit., p. 34; SERRÃO, Joel. *A emigração portuguesa...*, cit., p. 43.

chegados ao Brasil também cresceram os fluxos de emigrantes de outras nacionalidades²¹.

Logo que o surto emigratório passou de doseado a massivo, o que não aconteceu senão com grande rapidez, com uma evolução acentuada após a abolição da escravatura em 1888, fizeram-se sentir as preocupações governamentais, empoladas e esgrimidas pela imprensa das várias tendências políticas²². Há que não esquecer o incômodo que a movimentação de massas rumo ao Brasil causava à política da Regeneração. O foco brasileiro do surto emigratório ajudava, como aconteceu, à falência das pretensões de “nacionalização” humana do império e da procura de “novos Brasis” em África²³.

²¹ MENEZES, Lená Medeiros de. A presença portuguesa no Rio de Janeiro segundo os censos de 1872, 1890, 1906 e 1920: dos números às trajetórias de vida. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração...*, cit., p. 103-120. Ismênia Martins apresenta as mesmas conclusões mas com outros valores, apontando para 66,3% a percentagem de portugueses entre os emigrantes no ano de 1872, e para 72,1% no ano de 1920. O seu estudo é bastante circunstanciado já que apresenta uma repartição dos estrangeiros por cada uma das freguesias da cidade. Cf. MARTINS, Ismênia de Lima. Os portugueses e os outros no Rio de Janeiro..., cit., p. 81-103. Ana Scott produziu um estudo bastante completo sobre a imigração para S. Paulo, apresentando dados importante sobre a o fluxo massivo de italianos, cf. SCOTT, Ana Sílvia Volpi. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820-1930). *Congresso de história Económica de Zaragoza*, 2001, p. 1-28. <http://www.unizar.es/eueez/cahe/volpiscott.pdf> acesso em 31/08/2015.

²² Ver MAIA, Fernanda P. S. A emigração para o Brasil no discurso parlamentar oitocentista. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração...*, cit., p. 51-68. O problema da sociedade continuava insulável, porém a entrada de dinheiro estrangeiro não só seria um instrumento de capitalização da vida rural e um estímulo ao investimento na propriedade fundiária e na construção, como exerceria papel determinante na balança de pagamentos portuguesa e na situação cambial, não esquecendo ainda o campo da filantropia que bafejou instituições e pessoas. Cf. FREITAS, Nuno. *Comunidade Piscatória Poveira...*, cit., p. 66-67; ALVES, Jorge Fernandes. *Os Brasileiros. Emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: [s.n.], 1994; MARTINS, Ismênia de Lima. Os portugueses e os outros no Rio de Janeiro..., cit., p. 81-103.

²³ Para uma boa síntese sobre o assunto, com indicação de bibliografia para quem lograr um tratamento mais aprofundado, veja-se JERÓNIMO, Miguel Bandeira. Oceanos indígenas sem limites. *Visão*, n.º30, Agosto de 2015, p. 30-37.

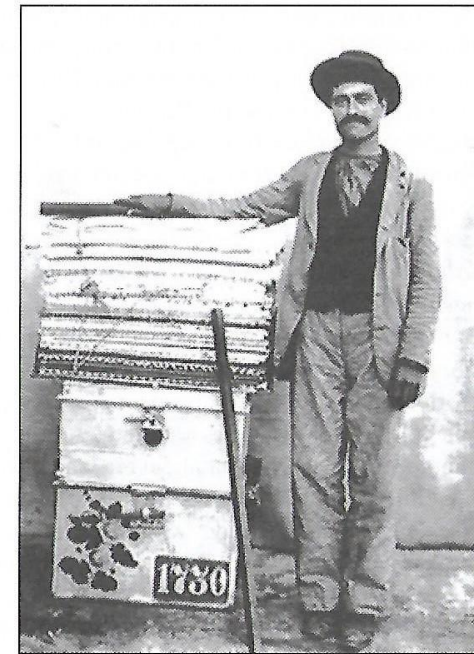


Fig.10 – Emigrante português chegado ao Rio de Janeiro, anos 20/30

O combate à emigração clandestina e à “escravatura branca” tornou-se um desígnio nacional. Perante a ilegalidade de uma putativa proibição da emigração fez-se o possível para evitá-la. Contudo, a abundante legislação, resultante da instabilidade política não conseguiu controlar o fenómeno²⁴. As vozes contra a pandemia do surto emigratório não deixaram, contudo, de continuar a eclodir no país. As pastorais de alguns bispos, outro manancial documental inexplorado até à data, foram um desses veículos, como a que o bispo viseense, D. José Dias Correia de Carvalho, redigiu em 4 de Março de 1889: “[...] continuam a chegar

²⁴ Ver MALSCHITZKY, Mário Estevam. *O “brasileiro”...*, cit., p. 7-8.

carregamentos de emigrantes que são logo expedidos para o bananal, onde se dão quotidianamente scenas violentas, sendo preciso geralmente a intervenção da força armada para conter aquellas turbas que se julgam enganadas nas promessas que lhe fizeram”²⁵.

Em 1 de Junho de 1891, a título de exemplo, Tomaz Ribeiro asseverava literalmente na Câmara dos Pares que um dos males que nesse momento mais afrontava e sobressaltava Portugal era a emigração: “condensa-se o exodo, engrossa a corrente, esgota-se uma parte do reino, da gente laboriosa e válida, ameaça-nos a invasão do pousio e, após ele, a da charneca, sobre regiões ainda hontem florescentes”²⁶.

A ideia conheceu maturação e o Estado começou a atuar indiretamente sobre o fluxo emigratório, legislando sobre a obrigatoriedade de passaportes, taxas, prévio cumprimento do serviço militar ou pagamento de fiança, fiscalização de barcos, etc. A rede apertada de legalidade era um óbice dissuasor, mas também era, não raro, ludibriada. O recrutamento de emigrantes portugueses tinha à retaguarda um filão grande de interesses e era organizado de forma empresarial através de redes bem estruturadas nas duas margens do Atlântico que sabiam como dar a volta ao sistema²⁷.

Tomando como exemplo o distrito de Viseu, sobre o qual muito poucos estudos foram produzidos²⁸, o quadro que se segue é bem elucidativo quanto ao reforço do que já se afirmou supra.

²⁵ Ver Arquivo Histórico Diocesano de Viseu, Registo de Pastorais e Provisões, 1883-1899, fl. 84v.-86v.

²⁶ *Questões sobre emigração. Projecto de Lei...* Lisboa: Imprensa Nacional, 1891, p. 6-7, citado a partir de LOPES, Maria Antónia. *Emigração e população...*, cit., p. 393.

²⁷ Ver LOPES, Maria Antónia. *Emigração e população...*, cit., p. 394-395; ALVES, Jorge Fernandes. *Os Brasileiros...*, cit., p. 107-161.

²⁸ Exceptuam-se os seguintes: SANTOS, Paula M. dos; FERREIRA, Jenifer. A emigração do distrito de Viseu para o Brasil entre as duas guerras mundiais (1918-1940). In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração...*, cit., p. 319-336; NÓBREGA, Pedro Pina. *O movimento migratório dos concelhos de Mangualde e Penalva do Castelo na transição da centúria 1900-1902*. Lisboa: trabalho de demografia histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Emigração do distrito de Viseu no ano de 1899					
Continente	Cidade	N.ºabs.	%	Total	%
América - Brasil	Rio de Janeiro	447	48,6	919	90,1
	Manaus	144	15,7		
	Pará	116	12,6		
	S. Paulo	113	12,3		
	Santos	55	6		
	Outros locais	44	4,8		
África	S. Tomé	49	48,5	101	9,9
	Luanda	24	23,8		
	Benguela	5	5,0		
	Moçâmedes	4	4,0		
	Novo Redondo	2	2,0		
	Cabo Verde	1	1,0		
	Dondó	1	1,0		
	Zaire	1	1,0		
	Não especificado	14	13,9		
Total				1020	100

Quadro 1 - Emigração do distrito de Viseu no ano de 1899
Fonte: ADVIS - Livros de Registos de Passaportes, cx. 1153/1147, n.º 1-2, 1899.

Deste quadro resulta evidente que a ex-colónia brasileira foi escolhida por 90,1% dos emigrantes viseenses. O Rio de Janeiro foi, de longe, o destino preferencial dos que emigraram (48,6%), logo seguido de Manaus (15,7%), Pará (12,6%) e S. Paulo (12,3%). Apesar dos dados coligidos se reportarem apenas ao ano de 1899, o período áureo da emigração portuguesa, e precisarem de ser consubstanciados com outras abordagens mais gerais, não deixam de ser um valoroso indicador a ter em conta. Paula Santos e Jenifer Ferreira concluíram o mesmo para o período compreendido entre as duas guerras mundiais, 1918 e 1940, não obstante as dificuldades surgidas que decorriam das novas políticas brasileiras de entrada de estrangeiros adotadas no seguimento da crise socioeconómica que assolou o país; da nova legislação portuguesa que também procurou conter a saída da população ativa; e das crescentes dificuldades operacionais no transporte de cidadãos europeus para o continente americano no quadro do recrudescimento da economia mundial e crescente instabilidade internacional. Durante esse período emigraram de Viseu para o Rio de Janeiro 22.665 pessoas; 3.059 para Santos; 2.508 para S. Paulo; 419 para Manaus; 389 para Belém do Pará, seguindo-se

uma série lata de outros destinos com pouca representação²⁹. Em Petrópolis, no ano de 1940, ainda moravam cerca de dois mil portugueses, grande parte deles oriundos do norte e centro do país luso³⁰.

A preferência pelo Rio de Janeiro, além da forte rede de agências de recrutamento estatais e privadas que lhe estava por trás, um dos grandes negócios da época, devia-se ao facto de ser a capital nacional onde tudo se passava, com uma indústria cafeeira forte no interior; com o mais moderno, aparelhado e movimentado porto, sendo a principal porta de entrada no país; o maior centro urbano da época alvo de grandes reestruturações depois de implantada a República; o maior centro financeiro do país sediando os principais bancos brasileiros e a bolsa de valores, e, portanto, a cidade brasileira que mais oportunidades oferecia³¹. A grande concentração de portugueses nesta *polis* acabava por ser ela própria um motor atrator de emigração, já que a escolha do destino se devia também às redes de contactos, de familiares, amigos e conhecidos, que favoreciam o emigrante³².

Local	Adultos					Menores					
	Masc.		Fem.		Tot.	Masc.		Fem.		Tot.	
	N abs	%	N abs	%		N abs	%	N abs	%		
Rio de Janeiro	362	89,6	42	10,4	404	42	97,7	1	2,3	43	
Outras cidades	398	91,1	39	8,9	437	34	97,1	1	2,9	35	
Brasil	Total	760	90,4	81	9,6	841	76	97,4	2	2,6	78
África	S. Tomé	44	95,7	2	4,3	46	3	100	0	0	3
	Outros locais	33	94,3	2	5,7	35	17	100	0	0	17
	Tot.	77	95,1	4	4,9	81	20	100	0	0	20
Total Geral	837	90,8	85	9,2	922	96	98	2	2	98	

Quadro 2 - Emigração do distrito de Viseu no ano de 1899 de acordo com a variável sexo
Fonte: ADVIS - Livros de Registos de Passaportes, cx. 1153/1147, n.º 1-2, 1899.

²⁹ Ver SANTOS, Paula M. dos; FERREIRA, Jenifer. A emigração do distrito de Viseu..., cit., p. 319-336.

³⁰ Ver AGUIAR, Mário Noronha. *A cooperação dos portugueses em Petrópolis*. Petrópolis: Editora Vozes, 1940, p. 341.

³¹ Ver LIMA, Jacqueline de C. P.; VILAÇA, Márcio L. C. (eds.). *João do Rio e o Carnaval: um olhar para a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: UNIGRANRIO, 2014.

³² Ver MALSCHITZKY, Mário Estevam. *O "brasileiro"...*, cit., p. 11; PEREIRA, Miriam Halpern. *A política de emigração (1850 a 1930)*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

Os emigrantes do distrito de Viseu eram maioritariamente adultos. No que diz respeito à variável sexo, tanto os adultos como os menores que emigraram eram sobretudo homens, o que também está de acordo com o verificado noutros estudos sobre emigrantes provenientes de outras regiões de Portugal³³. Nas primeiras vagas emigratórias os rapazes saíam extremamente jovens dos seus lares. Com o transcorrer das décadas passaram a emigrar homens de idade mais madura com família já constituída como evidencia o quadro que se segue.

Local	Solteiros(as)				Casados(as)				Viúvos(as)				N se sabe		Total
	H		M		H		M		H		M		N.º	%	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%			
Rio de Janeiro	187	41,8	18	4,0	214	47,9	16	3,6	4	0,9	4	0,9	4	0,9	447
Outros Locais do Brasil e África	213	37,2	18	3,1	275	48,0	22	3,8	12	2,1	8	1,2	25	4,4	573
Total	400	39,2	36	3,5	489	47,9	38	3,7	16	1,6	12	1,2	29	2,8	1020

Quadro 3 - Emigração do distrito de Viseu em 1899 de acordo com a variável estado civil
Fonte: ADVIS - Livros de Registos de Passaportes, cx. 1153/1147, n.º 1-2, 1899.

No que concerne ao estado civil dos emigrantes viseenses no ano de 1899, verificou-se uma ligeira predominância dos casados sobre os solteiros, tal como aconteceu no Porto, durante o decénio iniciado em 1880, estudado por Maria Ferraria e Paulo Amorim³⁴. Também não houve uma acentuada diferença no Alto Minho, como mostrou Henrique Rodrigues, muito embora desse território tenham ligeiramente emigrado

³³ Veja-se, nomeadamente, RODRIGUES, Henrique Fernandes – *Alto Minho no século XIX...*, cit., p. 565; FERRARIA, Maria José; AMORIM, Paulo – “A emigração para o Brasil...”, cit.; FREITAS, Nuno – *Comunidade Piscatória Poveira...*, cit., p. 66-67; ALVES, Jorge Fernandes – *Os Brasileiros. Emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: [s.n.], 1994; SILVA, Maria Beatriz Nizza da – “A mulher no contexto da imigração portuguesa no Brasil”. *Análise Social*, vol. XXII, 92-93 (1986), p. 653-659; MELO, Hildete P. de; MARQUES, Teresa C. de N. – “Imigrantes portugueses no Brasil a partir dos recenseamentos populacionais do século XX: um estudo exploratório de género”. *Gênero*, vol. 9, n.º 1 (2008), p. 69-88.

³⁴ FERRARIA, Maria José; AMORIM, Paulo – “A emigração para o Brasil...”, cit.

mais solteiros do que casados, tendência que se verifica também no trabalho de Miriam Halpern Pereira³⁵.

Emigração do distrito de Viseu no ano de 1899					
Profissão	Rio de Janeiro		Outros Locais / Brasil e África		Total
	N.º	%	N.º	%	
Atividades Agrícolas ³⁶	244	54,6	299	52,2	543
Proprietário	56	12,5	84	14,7	140
Comerciante / negociante	22	4,9	15	2,6	37
Carpinteiro	16	3,6	19	3,3	35
Barbeiro	4	0,9	9	1,6	13
Pedreiro	7	1,6	17	3,0	24
Ferreiro	1	0,2	7	1,2	8
Sapateiro	1	0,2	6	1,1	7
Sem profissão ³⁷	43	9,6	55	9,6	98
Outras profissões ³⁸	27	6,0	50	8,7	77
Não se sabe ³⁹	26	5,8	12	2,1	38
Total	447	100	573	100	1020

Quadro 4 – Profissão dos emigrantes do distrito de Viseu no ano de 1899
Fonte: ADVIS - Livros de Registos de Passaportes, cx. 1153/1147, n.º 1-2, 1899.

A grande maioria dos emigrantes viseenses, de acordo com este quadro, estava ligada às atividades agrícolas o que, a avaliar pela conjuntura vivida pelo país nesse sector já atrás referida, é efetivamente um grande indicador de que foram motivações de ordem económica que

³⁵ RODRIGUES, Henrique Fernandes – *Alto Minho no século XIX...*, cit., pp.565; PEREIRA, Miriam Halpern – *A política de emigração (1850 a 1930)*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.

³⁶ Optou-se por colocar sob a categoria mais generalista de “atividades agrícolas”, profissões como: trabalhador agrícola, jornaleiro e lavrador.

³⁷ Nesta categoria inserem-se os menores de idade.

³⁸ Nesta categoria encontram-se variadas profissões, quantitativamente irrelevantes, nomeadamente, entre outras, caixeiro, alfaiate, criada de servir, ajudante de farmácia, estudante,

³⁹ Esta estatística compreende as mulheres em relação às quais não foi mencionada nenhuma profissão, provavelmente por a não terem embora isso não fique comprovado no registo de passaporte.

despoletaram essa grande diáspora. Desconhece-se, porém, qual o ofício que a maioria viria a desempenhar depois da travessia⁴⁰.

2 - Imbricações culturais do refluxo

A grande nebulosa que paira no campo dos estudos sobre emigração portuguesa no século XIX e primeiras décadas do século XX situa-se a montante e não a jusante. Dizendo de outro modo, sabe-se muito mais sobre o movimento de ida do que sobre a volta. Pouco ou nada foi escrito até à data sobre o refluxo dos portugueses que haviam abandonado o seu país, o mesmo se podendo dizer no que diz respeito à remigração dos “brasileiros” retornados a Portugal que voltavam à margem sudoeste do Atlântico.

A ideia vigorante, para a qual contribuiu em boa parte a literatura, está erroneamente vinculada ao estereótipo do “Brasileiro”, um cliché que representa o exotismo dos costumes que o retornado trazia consigo. Erroneamente, porque o “Brasileiro” é um conceito que correspondia, na mentalidade coletiva, apenas a uma parte da realidade, isto é, à fase final do processo migratório com um retorno de sucesso. Um caso de notoriedade, como qualquer exceção, dela se fazendo, sobretudo na Literatura, sátira jocosa⁴¹.

A maioria das histórias daqueles que regressavam, até podiam ser histórias de sucesso, galgando os retornados uma posição de destaque dentro das suas comunidades de origem. Mas que percentagem dos que

⁴⁰ No seu estudo sobre o Porto, Maria Ferraria e Paulo Amorim também chegaram à conclusão que a maioria dos emigrantes era proveniente do sector primário. Essa tendência manter-se-ia ao longo do tempo, sabendo-se que pelo menos no ano de 1947, a maioria dos emigrantes do Porto que se deslocaram para o Brasil eram trabalhadores do sector agrícola. Cf. FERRARIA, Maria José; AMORIM, Paulo – “A emigração para o Brasil...” cit., p. 216-217; SANTOS, Joaquim Loureiro dos – “A emigração do distrito do Porto para o Brasil no ano de 1947”. In SOUSA, Fernando, et. al. (coord.) – *A emigração...* cit., p. 221-236. O mesmo se verifica em Petrópolis no ano de 1940, cf. AGUIAR, Mário Noronha - *A cooperação dos portugueses...* cit., p.341. Maria Pereira e Maria Frutuoso também concluíram o mesmo em relação aos emigrantes portugueses cu se deslocaram para Santos: PEREIRA, Maria Aparecida F.; FRUTUOSO, Maria S. G. – “Fontes para o estudo da presença portuguesa em Santos”... cit., p. 283-290. No concerne ao ofício que desempenhariam no país de acolhimento, de acordo com Lená de Menezes, no Rio de Janeiro o comércio absorveu a maioria dos emigrantes, seguido da indústria de vestuário e toucador, do serviço doméstico e finalmente dos transportes e indústria de edificação. Cf. MENEZES, Lená Medeiros de – “A presença portuguesa no Rio de Janeiro...” cit., p. 103-120.

⁴¹ Ver ORTIGÃO, Ramalho. *As Farpas*. 4.ª ed. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1925, p. 150.

emigravam retornavam? Que histórias de emigrantes retornados sem sucesso são conhecidas? Henrique Rodrigues foi um dos poucos que se debruçou sobre a aludida questão, reconhecendo que não é fácil desbravar o assunto pelo facto de que aqueles que saíram documentados e regressaram em definitivo à terra não foram arrolados. É possível, portanto, saber quantos partiram legalmente, quem voltou a requerer nova travessia, mas desconhecem-se os quantitativos globais do refluxo⁴².

Não há ainda resposta consistente para um vasto leque de perguntas, tais como: Quando regressava, quem partia documentado? Nota-se um padrão na escolha dos meses para o retorno? Que estados civis mais se evidenciavam no refluxo? Qual a distribuição dos remigrados de acordo com a variável sexo? Letrados e analfabetos, solteiros e casados apresentam as mesmas opções face ao período que elegiam para regressar à pátria? Como se enquadram estes movimentos por níveis etários? Eram uma prática reservada a quem tinha saído com habilitações? Quanto durava o refluxo? A estas acrescem aquelas às quais este estudo pretende dar resposta: provocavam os refluxos e remigrações “contaminações” na cultura popular do país de origem? Há eco documental desse tipo de absorção? É possível perceber se esse impacto era localizado ou difuso por todas as regiões do país?

Evidentemente que o emigrante que saía da sua dura vida, disposto a cruzar o Oceano, tinha em mente o regresso à família, aos costumes, à comunidade. Eram presumivelmente muitos os estados de espírito no momento da partida. Fá-lo-iam uns com pesar, outros com maior despreendimento. Mas o retorno, ao contrário da ideia criada pelo mito do “brasileiro” retornado endinheirado, era por vezes problemático. Maria de Fátima Brandão defende essa tese e procura provar que o regresso tinha escolhos para a maioria dos filhos de lavradores ou proprietários⁴³. É inegável que alguns indivíduos retornavam bem na vida. Foram esses casos de sucesso que vingaram no imaginário da emigração. Os indivíduos que

⁴² Ver RODRIGUES, Henrique Fernandes. *Alto Minho no século XIX...*, cit., p. 693-694.

⁴³ Ver BRANDÃO, Maria de Fátima. O Bom Emigrante à Casa Torna? In: *Emigração / Imigração em Portugal, Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séc. XIX-XX)*. Lisboa: Editorial Fragmentos, 1993.

emigravam não tutelados por qualquer agência de recrutamento optavam preferencialmente por trabalhos urbanos, predominantemente no comércio e nos transportes, conseguindo salários mais chorudos. Mas nem todos foram bafejados pelos ares do sucesso. Muitos dos emigrantes iam para os trabalhos duros nos cafezais e nos seringais e contraíam dívidas aos patrões que os colocavam numa situação de dependência prolongada, impossibilitando-os de mudar de local de trabalho e, sujeitando-se, pois, a situações de autêntica escravatura. Isso mesmo reconhecia em 1914 o vice-cônsul de Vitória, asseverando: “*Sobre o estado intelectual da colonia portuguesa no Brasil compreende-se que, sendo os imigrantes na sua maioria completamente analfabetos, e vindo para aqui em procura de recursos, vivendo numa lucta constante pela vida, não pode ser dos melhores*”. À margem desta realidade existiam as excepções: “*Sobre a fortuna dos portugueses neste Estado, são poucos aqueles que possuem grandes fortunas, porém muitos os que estão em muito boas condições [...]. Em geral colocam os seus haveres por aqui mesmo, indo gosar aí, em passeios constantes, os rendimentos que eles proporcionam*”⁴⁴.

Excluindo portanto os casos sonantes, evidentemente notados no país de origem, dir-se-á que a maioria dos retornados não regressava nessa condição. Esses, juntamente com os remediados e aqueles que voltavam com a mesma condição socioeconómica em que partiam, não raro fazendo-se passar por ricos, traziam resquícios de uma cultura do país de emigração que rapidamente era apropriada, sobretudo nas localidades de limiares mais exíguos. Desses fragmentos culturais ficou estrondoso eco na literatura. Citando o escritor António de Sêves, que narrou pedaços do quotidiano da vila de Leomil, encastoadá na Beira Douro, seu rincão natal, não deixou de satirizar essa realidade, escrevendo no conto intitulado *O Carreiro*, o seguinte: “*Pegava em todos a mania do Brazil. Já todos queriam gravata, bôs aneis e sapatinhos. Até o seu rapaz, o Manuel, suspirava a toda a hora por um relógio e uma cadeia, como se o sol não bastasse p’r’a gente se regular*”⁴⁵. Com

⁴⁴ Ver MALSCHITZKY, Mário Estevam. *O “brasileiro”...*, cit., p. 8, SANTOS, Alberto de Oliveira. *Colonias portuguesas...*, cit., p. 31-37.

⁴⁵ Ver SÊVES, António de. *Leomil*. Lisboa: Lusitania Editora, Limitada, 1921, p. 31.

o seu linguajar regionalista, num tom sarcástico, Sèves asseverava ter sido rápida a apropriação de fragmentos da cultura de elite brasileira, de que eram agentes de transmissão os retornados endinheirados, e deixava perceber que existia no microcosmos aldeão uma resistência dos conterrâneos não emigrados.

A correspondência familiar é outra das fontes que permite o estudo dos fluxos e refluxos culturais entre Portugal e o Brasil. Uma vez que se trata de documentos que pertenciam à vida privada, permitem perscrutar no universo das mentalidades e modos de vida, constituindo uma ampla janela para o estudo dos intercâmbios culturais. Um dos aspetos que amiúde aparece referenciado é o vestuário. As missivas que os maridos enviavam a suas consortes, a título de exemplo, instruindo-as sobre o que levar para o outro lado do Atlântico, são descrições absolutamente fundamentais para os estudos de etnografia e folclore, porquanto nomeiam peças, tecidos e feitios, evidenciando não só que em Portugal e no Brasil havia preocupação com a manutenção do decoro, dignidade e aparência, mas também que em ambas as latitudes, fruto de culturas distintas, eram dissemelhantes as formas de exteriorização da decência. Em regra, cômicos de que seria difícil um total desprendimento da cultura de origem, os varões sugeriam dois tipos de enxovais: um mais grosseiro, enquadrado nos costumes portugueses, para usar durante a viagem; e outro, um traje de domingo, para vestir no momento de ancorar, mais leve e fresco, de modo a não destoar da moda carioca. Referiam-se frequentemente vestidos de fazenda e de chita, fatos leves de linho cru ou cotim branco e ainda de morim (pano branco de algodão), camisas de riscado, entretela para os peitos das camisas, entre outros tecidos e peças⁴⁶.

⁴⁶ Ver RODRIGUES, Henrique Fernandes. *Alto Minho no século XIX...*, cit., p. 843; 852-853; SILVA, Brasilina A. P. da. Cartas de chamada: a emigração para o Brasil no concelho de Sernancelhe (1900-1920). In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração...*, cit., p. 305-309.

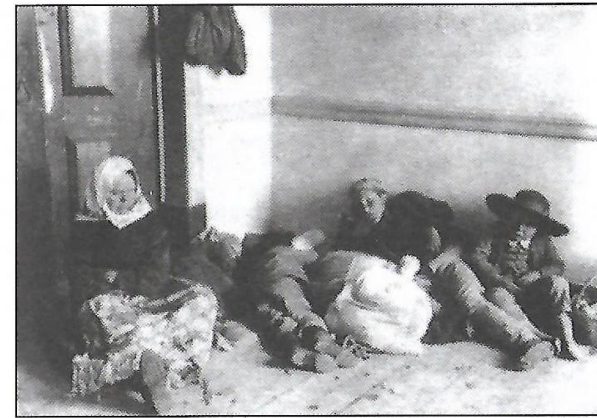


Fig.11 – Emigrantes portugueses à espera de embarcar rumo ao Brasil, inícios do séc.XX



Fig.12 – Emigrantes portugueses à espera de embarcar rumo ao Brasil, inícios do séc.XX

Percebe-se, portanto, que o quadro de valores dominante na época, herdeiro dos padrões morais da colonização portuguesa, fortemente influenciados pela cultura religiosa católica, ganhou uma

dinâmica própria em terras de Vera Cruz, diferenciando-se de Portugal no modo de exteriorização desses mesmos valores. Henrique Rodrigues, que estudou estas cartas, apresenta vários exemplos relativos ao Rio de Janeiro que importa aqui cotejar. Um deles é o da missiva expedida em 1884 por José Meira de Oliveira para a sua esposa Rosa Pereira Fagundes, natural de Vila de Punhe, pertencente a Viana do Castelo, intimando-lhe o seguinte: *“Enquanto a roupa faz o que já te mandei dizer: faz um vestido melhor para saltar em terra e roupa para mar dois vestidos de chita e não precisa mais nada”*⁴⁷. No decurso do ano de 1888, um dos portugueses radicados no Rio de Janeiro escrevia à sua mulher declarando: *“Podes trazer a roupa que tiveres e não precisas [de] comprar porque depois compras aqui, porque fica mais em conta e aqui tem muita roupa e moda do país”*⁴⁸. Outro caso a relevar é o da carta enviada em 1895 por Manuel António de Araújo Trigueiro a sua esposa Rosa Rodrigues Trigueiro, natural de Troporiz, Monção, ordenando-lhe: *“Pede à senhora dele para te dirigir como hás-de fazer as roupas, porque ela está ao par dos feitios das roupas daqui”*⁴⁹. Um derradeiro exemplo a apresentar, é o de Bernardino José Leite que escreveu a Carolina Rosa Marinho, sua cónjuge, natural de Cerdal, Valença, dirigindo-lhe as seguintes palavras: *“Para embarque qualquer roupa serve, debes trazer um ou dois ternos da roupa cada um deles, notando que os paletós não sejam curtos; as saias tuas e da menina com o comprimento necessário [...]. Quero que todos venham decentemente vestidos. Os chapéus finos para todos três e para o mar umas barretas ou carapuças por causa do ar. Não tragas a camisa de fraldas [...]. Não os debes vestir com roupa grossa nem muito escura”*⁵⁰.

⁴⁶ Ver RODRIGUES, Henrique Fernandes. *Alto Minho no século XIX...*, cit., p. 843; 852-853; SILVA, Brasilina A. P. da. Cartas de chamada: a emigração para o Brasil no concelho de Sernancelhe (1900-1920). In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração...*, cit., p. 305-309.

⁴⁷ Ver *ibidem*, p. 842.

⁴⁸ Ver *ibidem*, p. 851.

⁴⁹ Ver *ibidem*, p. 842.

⁵⁰ Ver *ibidem*, p. 842-843.



Fig.13 – Emigrantes à espera de embarcar rumo ao Brasil, 1938



Fig.14 – Moço emigrante à espera de embarcar rumo ao Brasil, 1938
(Centro Português de Fotografia)

Como se percebe, no que respeita à indumentária não havia qualquer ascendente da cultura portuguesa, sobretudo a rural, sobre a cultura brasileira. Ao invés, a população migrante, para não ser vista

sob um óculo desclassificatório, deveria adaptar-se aos modelos sociais do país acolhedor e, se possível, atracar envergando já modas brasileiras. Países diferentes, pois, com usanças diferentes, eis um dado a reter e que aparece exarado de forma ainda mais clara em cartas como a de José Martins a sua consorte Emília Silva, de Caminha: “*Se for tua vontade vires em Maio é para eu te dizer como hás-de fazer as roupas, porque aqui não se traja como lá*”⁵¹; como a de Rafael Gonçalves da Silva, a sua esposa Maria Emília Enes Silva, de Soutelo, Viana do Castelo, escrita em 1891, onde lhe declarava: “*Enquanto à roupa traz toda a que tiveres, menos a que se usa na terra que aqui não se usa, quero dizer às riscas e do vermelho que aqui é tudo muito simples*”⁵²; e, finalmente, em cartas como a de João Lourenço Gonçalves Veiga, que asseverou o mesmo a sua mulher, Carolina Prazeres, de Lamelas, Caminha, corria o ano de 1897: “*Com respeito a roupas para aqui, traz tudo menos saias de riscas, nem lenços de cabeça porque é coisa que aqui não se usa*”⁵³.

Por conseguinte, entre o Norte de Portugal e o Rio de Janeiro, sobretudo pela diferença do clima, as modas no vestuário eram distintas. Não só no que se refere ao feitio, mas também à cor e ao tipo de tecido. Na cidade brasileira as saias tinham feitio mais prático e adaptado ao calor: pouco rodadas, de cores claras e sem riscos; as camisas não eram fraldadas; a cabeça era usada descoberta e sem lenços; os tecidos usados eram mais leves, como as chitas, os cotins brancos e o linho.

O mesmo se passava com os adereços pessoais. Os *brincos à rainha*, as arrecadas, os cordões, a título de exemplo, usados em todo o norte e centro de Portugal, eram desaconselhados pelos varões que escreviam às suas esposas antes de elas partirem para o Rio de Janeiro. José da Costa Moreira, de Valença, entre muitos outros, foi um dos que ao escrever à sua esposa, no ano de 1888, lhe disse: “*O ouro vai no ourives e dispõe dele porque não se usa e quando aqui chegares comprarás ouro conforme o uso desta terra*”⁵⁴. De idêntica asserção foi

⁵¹ Ver ibidem, loc. cit.

⁵² Ver ibidem, loc. cit.

⁵³ Ver ibidem, loc. cit.

⁵⁴ Ver ibidem, p. 844-851.

autor Eduardo Augusto Martins, de Cristelo, Paredes de Coura, dizendo a sua esposa, numa carta expedida no ano de 1894, sobre o que deveria levar para o território brasileiro: “*O ouro, se te o pagarem bem, vende os brincos e compra uns botões próprios [para] senhora*”⁵⁵ Esses botões eram comumente mencionados, senão repare-se no teor das letras que outro emigrante português expediu a sua esposa no mesmo ano de 1894: “*Podes vender o cordão, que as roupas aqui mesmo se compram, porque escolhemos à vontade. Podes também vender as argolas e comprar uns botões pequenos*”⁵⁶.

Os portugueses endinheirados do Rio de Janeiro, inseridos nos círculos socioculturais cariocas, denotavam uma preocupação de fazer destoar os familiares que recebiam, da imagem dominante do português comum. A massificação da emigração, fazendo aportar ao Rio gente humilde e analfabeta, que fazia a travessia do Atlântico à procura de uma vida melhor, envergando trajes de trabalho, provocara um estigma social.

Quem ditava os padrões morais de conduta e as modas era evidentemente a elite dominante. Só os familiares de emigrantes portugueses abonados podiam, na verdade, desfazer-se dos seus haveres e reproduzir ou tentar copiar a moda carioca. Os que levavam vinho, salpicões, peixe, figos, avelãs e outros frutos secos, especiarias, legumes e frutas tipicamente portugueses, a requerimento dos emigrantes portugueses do Rio, como mostra essa correspondência familiar, eram os membros de famílias entretanto abonadas ou remediadas. A maior parte dos que emigravam, faziam-no numa situação de pobreza que lhes vedava a hipótese de levar tais iguarias. Não tinham bens materiais ou adereços de ouro, nem tampouco enxoval composto por várias peças, senão os trapos que levavam no corpo. Cruzavam o Atlântico com saias, casacos, paletós, vestidos, camisas, chapéus, botas, botins, sapatos, chinelas, tamancos e socos, etc.... ao jeito de Portugal e, por vezes, faziam o regresso com uma indumentária diferente.

⁵⁵ Ver ibidem, loc. cit.

⁵⁶ Ver ibidem, p. 853.

Os relatos da época sobre a cultura das comunidades portuguesas, sublinham exactamente a constância dos costumes e da tradição do país de origem. Note-se o já citado relatório do vice-cônsul de Portugal em Vitória, redigido em 21 de Março de 1914 no Boletim da Sociedade de Geografia. Dizia o mesmo: “*Sendo este grande país moralmente uma sequencia de Portugal, aqui predominam os costumes portugueses que constantemente são avigorados pelos contínuos contingentes de imigrantes que anualmente o Brasil recebe de Portugal. [...] Em aqui chegando o português não procura agrupar-se porque não se vê a braços com a dificuldade de uma língua diferente da dele, nem de costumes diferentes dos seus [...]. Amante da sua pátria, é muito cioso das suas tradições*”⁵⁷.

Está bem documentada, por exemplo, a existência de chulas, fados e fandangos no Rio de Janeiro nos finais do século XIX⁵⁸, assim como a dança dos pretos, que se sabe ser característica em Maceió, estado de Alagoas; e na amazónia brasileira; chegando também a várias regiões de Portugal⁵⁹. Tenho conhecimento que, pelo menos, esta manifestação popular era comum em Moncorvo; Carviçais; Penafiel; Leomil e Cabaços no concelho de Moimenta da Beira; Arcozelo da Serra, na diocese da Guarda; e nos Açores⁶⁰.

⁵⁷ Ver SANTOS, Alberto de Oliveira. *Colonias portuguesas...*, cit., p. 31-37.

⁵⁸ Ver TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro*. Vol.1. S. Paulo: Editora 34 lda., 2000.

⁵⁹ Ver STOLL, Emile. Preto velho de Salambé, cachimbo na boca, chinelo no pé: a brincadeira dos pretos do baixo Tapajós (Amazónia Brasileira). In: *Rituais: transformações cosmológicas e sócio-históricas, X Reunião de Antropologia do Mercosur*, 10-13 Julho de 2013, Córdoba, Argentina, p. 1-14; DUARTE, Abelardo. *Folclore Negro das Alagoas*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1975, p. 346.

⁶⁰ Ver PINTO, Filipe Costa. *Enciclopédia das festas populares e religiosas de Portugal. Catálogo de festas, feiras e romarias portuguesas*. Vol. II. Lulu.com (acesso em 3/9/2015); GUIA, A. Bento da. *As vinte freguesias de Moimenta da Beira*. 3.ª ed. Moimenta da Beira: Câmara Municipal, 2001, p. 53; MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. 2.ª ed. S. Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo, 2001.



Fig.15 – Dança dos pretos em Penafiel, data desconhecida

Consistia esta dança numa carnavalização consensual dentro da festa religiosa oficial. Na procissão da Assunção, em Arcozelo da Serra, oito crianças de nove a dez anos, com caras, pés e mãos enfarruscados, vestidos de vermelho, com muitos guizos pelo fato, fazendo mil caretas e visagens corriam as estações e representavam a farsa de serem escravos maltratados pelo seu senhor. Cada um fazia a sua queixa, repetindo o seu dito, cheio de palavras indecentíssimas, que ofenderiam os ouvidos menos castos noutra ocasião, mas naquele dia, consagrado à Virgem, tudo era permitido e aplaudido! Estas danças, mesclando sagrado e profano, acompanhavam a procissão, causando até embaraço à marcha pelas suas figuras de dança. Na romaria do S. Torcato de Cabaços, no concelho de Moimenta da Beira, a dança dos pretos, provinda de Manaus, tinha um fundo instrumental de bases melo-harmónicas portuguesas entremeadas com trechos africanos. As vestimentas azuis e encarnadas dos protagonistas lembram as “congadas” e “cavalhadas”, ainda presentes nalgumas regiões do Brasil. Os bastões de madeira que empunhavam fez com que esta dança passasse a ser designada de dança

dos pauliteiros negros de Cabaços. Em Moncorvo seria assim também, como mostra o vídeo de J. R. dos Santos Júnior realizado em 1930⁶¹.

Não é de admirar que neste processo de intercâmbio, de transmissão e recepção, migrassem para o Rio de Janeiro hábitos, usos e costumes portugueses, mas também refluissem aspetos culturais brasileiros com os retornados, assim feitos, involuntariamente, agentes culturais. O tempo possibilitava que novos costumes fossem assimilados e que alguns dos antigos fossem esquecidos. Esses novos costumes transitavam com os emigrantes no momento do retorno. O que importa apurar, e que não foi ainda objeto de estudo, é o grau e respetivo impacto dessas aculturações. Através do Folclore, sobretudo das modinhas que eram cantadas e bailadas quotidianamente pelo povo nos momentos de labuta e de lazer, durante as primeiras décadas do século XX, é possível encontrar resquícios culturais protagonizados pelos refluxos da emigração.

A moda das “saias” é, neste domínio, laboratório de excelência para o estudo dos “refluxos culturais”. Só tocadas; só cantadas; ou tocadas, cantadas e bailadas conjuntamente, as “saias” chegaram a todos os cantos de Portugal. Não obstante haja quem defenda as suas raízes alentejanas, como se diz que o fandango é do Ribatejo, o corridinho do Algarve, e o vira do Minho, é curial perceber que não existem regiões proprietárias de quaisquer padrões culturais. Simultaneamente cantigas de trabalho e de divertimento eram executadas sem suporte instrumental nas fainas que não eram de empreitada, onde não havia tocador, mas também nos “balhos”, isto é, nos bailes, de terreiros e adros. Tratam-se, em regra, de cantigas “a despique”, entre duas mulheres, um homem e uma mulher, ou dois homens que disputavam uma “moçoila”⁶².

Presume-se que nem sempre foi possível colher canções completas, redundando por vezes a colheita na existência de apenas um ou dois versos sem seguimento. Brechas que pessoas pouco esclarecidas nos meandros do Folclore podem resistir à tentação de suturar, não se

⁶¹ Ver JUNIOR, J. R. dos Santos. *A dança dos pretos (Moncorvo)*, 1930. Cinemateca portuguesa digital <http://www.cinemateca.pt/Cinemateca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8140&type=Video>.

⁶² Ver MENDES, Lino. A moda das “saias” na cultura tradicional portuguesa. *Jornal Mundo Lusitano*, Out., 2008.

preocupando sequer com a terminologia utilizada, fazendo perigar *ad eternum* a autenticidade de determinada modinha. As modas populares eram, no geral, bastante simples, no seu aspecto poético, de frases melódicas curtas e por vezes mal esboçadas; no seu aspecto melódico, espécie de melopeias rudimentares; e de fácil execução. Se as não encontrarmos com este figurino é mau sinal.

A moda das saias era constituída pela melodia (estilo) e pela letra (pontos), que era feita de improviso. Há quem defenda várias modalidades das “saias”, nomeadamente saias velhas, saias novas, saias aiadas, saias puladas, saias passeadas, saias trocadas, saias corridas, saias mudadas, e saias batidas, consoante os passos de dança, o que diz bem da disseminação e adaptabilidade que sofreram noutras regiões. Importa sublinhar que essa adaptabilidade, que comportou elementos originais e novos, verificou-se não só em relação ao estilo como também à letra. Significa isto que a forma de bailar as “saias” e o verbalizar das modinhas, diferem por vezes muito, outras nem tanto, entre as várias regiões e, por vezes, dentro dos próprios limiares regionais⁶³. Encontramo-las em praticamente todas as regiões de Portugal.

É na “moda das saias” que vamos encontrar as “calças à brasileira”, um elemento inequívoco de refluxo cultural. Seguem-se alguns exemplos.

*São Saias*⁶⁴

Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil – Beira Alta/ Douro Sul

São saias meu amor, são saias

São calças à brasileira

São dançadas e bailadas

Servem de toda a maneira

⁶³ Ver *ibidem*, loc. cit.

⁶⁴ Modinha recolhida pelo Rancho Folclórico da Casa do Povo de Leomil em 1978, quando da sua fundação. Publicada em GOUVEIA, Jaime Ricardo. *Cancioneiro de Leomil*. Viseu: Quartzó Editora, 2014.

REFRÃO

Aqui é que estão as saias
Aqui é que as calças estão

São dançadas e bailadas
Da raiz do coração

Julgavas em me deixares
Que eu de penas morreria

Vão-se uns amores ficam outros
Vivo na mesma alegria

REFRÃO

Algum tempo era eu
Amor do teu coração

Agora já somos duas
A dar passadas em vão

REFRÃO

*Estas é que são nas saias*⁶⁵

Cancioneiro Popular do Douro

Estas é que são nas saias
Estas calças é que são

⁶⁵ Trata-se de uma dança mimada: no primeiro verso as moças levantam um pouco a saia; no segundo os rapazes arrepanham um pouco as calças. CABRAL, António. *Cancioneiro Popular Duriense*. Vila Real: Centro Cultural Regional de Vila Real, 1983, p. 59.

CORO

São dançadas e bailadas
Na noite de S. João⁶⁶
São saias, amor, são saias
São calças à brasileira

São dançadas e bailadas
Servem de toda a maneira

*Calças à Brasileira*⁶⁷

Rancho Poveiro, Póvoa do Varzim – Douro Litoral Norte

Ó que lindo par eu levo
Aqui à minha direita
Ó que linda rosa branca
Que tão belo cheiro deita

REFRÃO

Mas isto é que são as saias
São calças à brasileira
São cantadas são bailadas
Amor de toda a maneira

Vai alta a lua vai alta
Mais alto vai o luar
Mais alta vai a ventura
Que Deus tem para me dar

REFRÃO

⁶⁶ Na noite de S. João ou amor do meu coração.
⁶⁷ O Rancho Poveiro, sediado em São Paulo, representa o folclore da região portuguesa a norte do Douro.

São Saias

Rancho Folclórico Clube das Arroteias – Ribatejo

Se o meu amor fosse António
Assim como é João
Mandava-o engarrifar
Na primavera do verão

Estas é que são as saias
Estas calças é que são
Foram feitas e talhadas
Na noite de S. João

São saias, amor são saias
São **calças à brasileira**
São cantadas e bailadas
Cá de uma certa maneira

Menina, se queres saber
Como agora se namora,
Com um lencinho na algibeira
Com as pontinhas de fora

Estas é que são as saias
Estas calças é que são
Foram feitas e talhadas
Na noite de S. João

São saias, amor são saias
São **calças à brasileira**
São cantadas e bailadas
Cá de uma certa maneira

Como se percebe, a introdução das *calças à brasileira* nas letras das modinhas portuguesas, evidencia aculturação protagonizada pelo

refluxo da emigração. Esta “contaminação” cultural, no sentido em que se verificou a introdução de um elemento novo na indumentária, é bastante significativa porquanto tocou praticamente todas as regiões de Portugal. Outro dado a reter é o facto de essas letras serem contemporâneas do estilo. A moda das saias preexistia com outras quadras que não referiam o elemento brasileiro. Só depois da vaga emigratória se verificou a transformação das trovas.

Esta adaptabilidade da canção popular portuguesa aconteceu com outras modas, com outros estilos, nas várias latitudes regionais, no transcorrer dos séculos. A circulação dos indivíduos pressupunha, como aconteceu com os brasileiros de torna-viagem, a propagação dos elementos mais fortes da cultura apropriada. Como as calças, poderiam ser as camisas, os chapéus, entre muitas outras peças do vestuário brasileiro, a justificar menção nas canções do povo português. Mas foram efectivamente as calças o elemento apropriado, e não outro, primeiro estranhado e depois entranhado. Que calças brasileiras seriam estas? Estaria a diferença no feitio ou no tecido utilizado?

Perante a escassez de fontes que pudessem responder de forma clarividente a essas questões fiz uma sondagem a obras, algumas de viajantes estrangeiros, que descreveram a indumentária brasileira no século XIX. Em 1820, nas suas *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*, o viajante inglês John Luccock, referindo-se aos indivíduos abastados da cidade, disse: “[...] é comum o cavalheiro aparecer [...] sem roupa alguma sobre sua camisa de algodão. É verdade que esse traje é bem feito, ornamentado com trabalhos de agulha, especialmente sobre o peito; mas frequentemente o põem de peito aberto e com as mangas arregaçadas até aos ombros; mas se, noutras vezes, acha-se atado ao pescoço e em redor dos pulsos por grossos botões globulares de ouro, as fraldas ficam de fora, pendentes a meia canela por cima da cinta que firma ao redor do lombo um par de **calças curtas**; as pernas vão nuas e os pés metidos em tamancos”⁶⁸. Em 1830,

⁶⁸ Ver LUCOCK, J. *Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil (Tomadas durante uma estada de dez anos nesses pais, de 1808 a 1818)*. S. Paulo: Livraria Martins, 1942 (edição original publicada em Londres no ano de 1820).

o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, escreveu uma obra intitulada “Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais”, no decurso da qual, referindo-se ao senhor do engenho, referiu: “*Quando está em casa usa camisa de chita, chinelos, e calças ordinariamente mal sungadas, não põe gravata, e toda a sua roupa indica que é inimigo de se constranger*”⁶⁹. Por seu turno, o missionário metodista norte-americano Daniel Kidder, no seu livro de reminiscências sobre o Rio de Janeiro, que deu ao prelo em 1845, descreveu a indumentária de um tabelião da seguinte forma: “[...] *pediu desculpas pela leveza do seu traje que consistia apenas em calças brancas e camisa, acrescentando que no verão nada mais suportava sobre o corpo*”⁷⁰. Anos depois, em 1844, publicava Augusto Zaluar as suas peregrinações pela província de S. Paulo, referindo *calças de nanquim* e ainda um indivíduo que “[...] *trazia roupa de algodão, com umas calças muito curtas, tudo da mesma cor do chapéu*”⁷¹. Uma derradeira referência justifica menção. Encontra-se no romance de Joaquim Machado de Assis, saído a público no Rio de Janeiro em 1899. Nele, referiu assim uma personagem de uma casa abastada: “*Levantou-se para ir buscar o gamão [...] e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodaque e gravata de mola [...]. Trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas*”⁷².

⁶⁹ Ver SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Rio de Janeiro, 1938 (edição original publicada em Paris no ano de 1830).

⁷⁰ Ver KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2 vols., 1940 (edição original é de 1845).

⁷¹ Ver ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela província de S. Paulo – 1860-1861*. S. Paulo: Itatiaia Editora, 1975 (edição original é de 1862).

⁷² Ver ASSIS, Joaquim M. Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, Paria: Livraria Garnier, 1899, p. 11.



Fig.16 – Foto de 1910, Brasil. Pormenor das calças pouco sungadas e curtas



Fig. 17 – Pormenor da imagem anterior, calças curtas

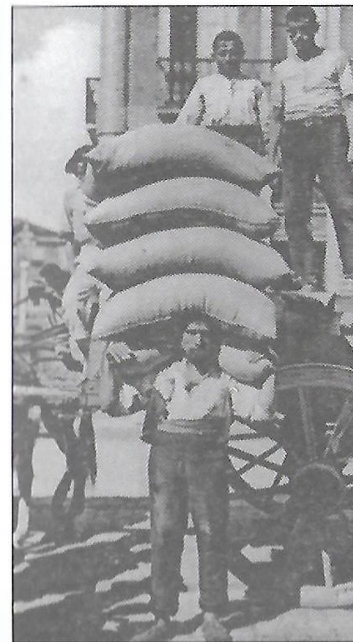


Fig.18 – Porto de Santos, data desconhecida. Pormenor das calças pouco sungadas e curtas do carregador de café



Fig. 19 – Pormenor da imagem anterior, calças curtas

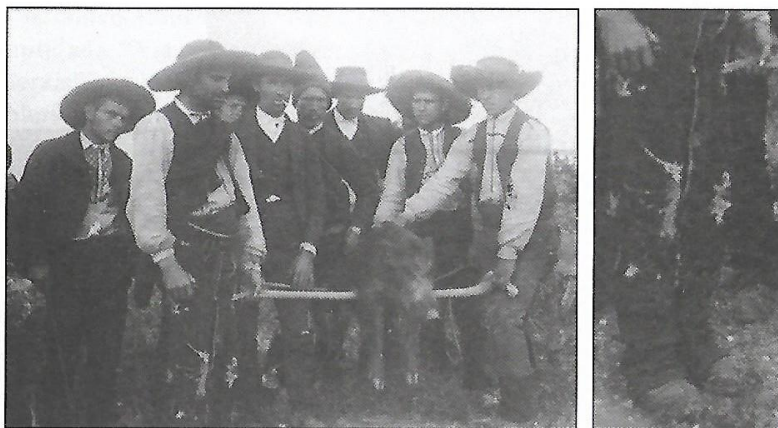


Fig.20 – Montaria ao javali, Portugal - local desconhecido, fins do século XIX

Fig.21 – Pormenor da imagem anterior, calças compridas



Fig.22 – Balho (baile), Portugal, local desconhecido, fins do século XIX-inícios do séc.XX. Pormenor das calças compridas com racha lateral para se poderem prolongar pelo calçado

Poder-se-á concluir, de acordo com o cruzamento destas fontes, que as calças à brasileira eram confeccionadas com tecidos e cores leves, predominantemente brancas e de feitio curto e pouco sungado, isto é relativamente largas e elevadas. Esse modelo diferia das calças usadas em Portugal no mesmo período, em regra compridas, de tecidos com coloração escura, e elevadas na cintura para cobrir as ceroulas que abotoavam na presilha da camisa. Teria sido este elemento inovador da indumentária o mais forte, em trânsito nos movimentos de refluxo. Só o cariz maciço da emigração justificou este elemento de apropriação, até porque se ficou arreigado na moda das saias, também outras referiam com frequência o elemento Brasil. Apresento de seguida, sem pretensões de exaustividade, algumas delas.

*Cadeaço*⁷³

Rancho das Lavradeiras da Trofa – Douro Litoral Norte

REFRÃO

Cadeaço lindo cadeaço
 Não me ponha a mão
 Que m'estala o braço
 Cadeaço eu cá bou andando
 Cadeaço eu cá bou bailando

Ai tantas libras, estou libre delas
 São amarelos, são de cabalinho
 São firmes, são elegantes
 São leais ao meu benzinho

⁷³ Modinha recolhida na Trofa em 1946. Agradeço a Catarina Silva, do Rancho das Lavradeiras da Trofa, fundado em 1961, e colega no CTR da Federação do Folclore Português, que me cedeu esta recolha.

REFRÃO

Eu hei-de ir ao Brazil
Ai para o **Rio de Janeiro**
Para bir p'ra esta terra
Com fama de brasileiro

REFRÃO

Marinheiro d' agua doce
Ai que lebas no teu nabio
Lebo rouxinóis que cantam
Papagaios que assobiam

REFRÃO

Eu hei-de ir ao Brazil
Ainda que não tenha dinheiro
Para as meninas dizerem
Olá senhor brasileiro

*Olá, como está?*⁷⁴

Rancho das Lavradeiras da Trofa – Douro Litoral Norte

REFRÃO

Olá, como está?
Você anda de soquinhos
Se tu fores, eu também vou
Para o Brasil
Os dois ambinhos

⁷⁴ Veja-se a nota anterior.

Olá, como está?
Você anda de chapéu
O meu amor é tão lindo
Como as estrelas do céu

REFRÃO

Eu hei-de ir p'ro Brasil
Embarcado num loureiro
Para ir p'ra esta terra
Com fama de brasileiro

REFRÃO

Olá, como está?
Meu amor como passou?
Se tu fores para o Brasil
Meu amor eu também vou

REFRÃO

Veja-se a mesma moda com as devidas diferenças:

*Olá, como está?*⁷⁵

Rancho Folclórico da Ribeira de Celavisa – Beira Litoral

Olá, como está?
Meu amor é brasileiro
Eu hei-de ir para o Brasil
Com ele ganhar dinheiro

⁷⁵ Recolha cedida pelo amigo Miguel Claro, pertencente ao Rancho Folclórico da Ribeira de Celavisa – Arganil, Coimbra.

Com ele ganhar dinheiro
Para dar a quem me ama
Olá como está
Você a mim não me engana”

Ó meu pai, ó meu paizinho
Dê-me o saco do dinheiro
Que quero ir passear
Lá no **Rio de Janeiro**

Meu amor foi pr’ó Brasil
Foi pr’ó Brasil vai ver café
Inda bem que cá não está
Olalalalalá, olarilolé

Ó meu amor de três penas
Dá-me uma quero voar
Eu vou ao Brasil e venho
Ao chegar eu volto a dar

Olha a barca brasileira⁷⁶
Olha a barca brasileira
Que do céu caiu ao mar:
Nossa Senhora vai dentro
E s anjinhos a remar

CORO

- Remai, remai, meus anjinhos
Que eu vos darei um vintém
- Um vintém não chega a nada
Para quem rema tão bem

⁷⁶ Moda de cantar de reis ou reisadas. CABRAL, António. *Cancioneiro...*, cit., p. 59. Além dos *bailos, folias* ou *folguedos* no terreiro, ou no contexto das *fainas*, existiam também *reinações*, em forma de brincadeira alegre, que ocorriam em andanças nocturnas e diurnas, por bandos que corriam as ruas, de que são exemplo os festejos de Réis e das Janeiras.

Quem diremos nós que viva
No botãozinho do peito?
Viva lá o senhor...
Que é um homem de respeito

Que é um homem de respeito
Que viva os anos que ele deseja
Viva também uma rosa
Que recebeu na igreja

*Alice*⁷⁷

Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia,
Leiria – Alta Estremadura

E o meu amor foi-se embora
Não nada a ninguém
E q’alquer dia vou eu
Passem todos muito bem

Meu amor não é daqui
Eu daqui também não sou
Meu amor foi pró Brasil
Pró Brasil é que eu vou

Ó meu amor, meu amor
Gosto de ti a valer
Manda-me a tua direcção
Meu amor quero-te escrever

⁷⁷ Modinha recolhida a Cristina dos Santos, pelo Rancho Etnográfico de Danças e Cantares da Barra Cheia, Leiria. Agradeço ao presidente deste grupo, Fernando Miguel, a cedência desta modinha para este estudo.

Ó Alice dá cá um beijo
Ó Alice dá cá, dá cá
Ó Alice dá cá um beijo
Dá cá um beijo não sejas má

Não sejas má e não sejas louca
Não sejas má e não sejas louca
Ó Alice dá cá um beijo
Dá cá um beijo da tua boca

Queres um beijo não to posso dar
Escusas atimar que não pode ser
Juro que guardo segredo
Mas eu tenho medo d' alguém o saber

D' alguém o saber, mas não sabe nada
Quem me deu um beijo foi minha namorada
D' alguém o saber mas não sabe nada
Quem me deu um beijo foi minha amada

*Tirana*⁷⁸

Associação Etnográfica Os Serranos, Águeda – Beira Litoral, Baixo Vouga

O linho dá muita volta
Até chegar ao tear
Não são tantas como estas, ó Tirana
Que nesta roda vou dar

⁷⁸ Modinha recolhida em Aguada de Cima, Águeda, pela Associação Etnográfica Os Serranos. Agradeço ao Eng.º Manuel Farias, colega do CTR da Federação do Folclore Português, a cedência desta moda recolhida pelo seu grupo.

À volta, Tirana à Volta
À volta Tirana eu vou
Dar vida a quem me deu vida, ó ai
Matá-la a quem me matou

A Tirana quer que eu vá
Com ela para o Brasil
Embarca, Tirana embarca, Tirana
Que eu também lá quero ir

A Tirana quer eu vá
Com ela para Lisboa
Embarca, Tirana embarca, Tirana
Que a maré agora é boa

*Se o mar tivesse varandas*⁷⁹

Associação Etnográfica Os Serranos, Águeda – Beira Litoral, Baixo Vouga

Se o mar tivesse varandas
Eu ia-te ver ao Brasil
Mas o mar não tem varandas
Diz-me amor por ond' hei-d' ir

Ai meu amor
Ai quem me dera, ai quem me dera
Subir ao céu
Ai meu amor voltar à terra

⁷⁹ Modinha recolhida em Avelal de Cima, Águeda, pela Associação Etnográfica Os Serranos. Agradeço ao Eng.º Manuel Farias, colega do CTR da Federação do Folclore Português, a cedência desta moda recolhida pelo seu grupo.

Se o mar tivesse varandas
Como tem de embarcações
Eu ia-te ver ao Brasil
Em certas ocasiões

Ai meu amor
Ai quem me dera, ai quem me dera
Subir ao céu
Ai meu amor voltar à terra

Se ouvires dizer que eu morro
Não chores por mim meu bem
A morte de um desgraçado
Não causa pena a ninguém

Ai meu amor
Ai quem me dera, ai quem me dera
Subir ao céu
Ai meu amor voltar à terra

*Não há quem queira dar a filha a um mineiro*⁸⁰

Associação Etnográfica Os Serranos, Águeda – Beira Litoral, Baixo Vouga

Olá compadre
Meu amor é brasileiro, oleiro
Ele vai também embora
Pr'ó Brasil ganhar dinheiro

⁸⁰ Modinha recolhida em Urgueira e Préstimo, Águeda, pela Associação Etnográfica Os Serranos. Agradeço ao Eng.º Manuel Farias, colega do CTR da Federação do Folclore Português, a cedência desta moda recolhida pelo seu grupo.

Olá, como está
Meu amor não é de cá
Meu amor é brasileiro
Trabalha no Canadá

Já não há quem queira dar
Uma filha a um mineiro
Vive debaixo da terra
A ganhar pouco dinheiro

*O Cuco*⁸¹

Rancho da Região de Leiria – Alta Estremadura

Ele
Canta o cuco, canta, canta
Já chegou o mês de Abril
Estes rapazes d'agora
Namoricam mais de mil

Coro

Em Pernambuco, canta macuco
Lá no mês de Maio Também canta o cuco
Também canta o cuco Também canta o gaio
Também canta o cuco Cá no mês de Maio

Ela

Canta o cuco, canta, canta
Na ramada do pinheiro
Estes rapazes d'agora
Nenhum quer ficar solteiro

Coro

⁸¹ Esta moda foi recolhida num lugarejo da serra do Sicó, que à data da recolha (1961), fazia parte da Região de Turismo de Leiria. Agradeço ao amigo José Vaz, elemento do Rancho da Região de Leiria e colega do CTR da Federação do Folclore Português, por me ceder esta recolha do seu grupo.

Ele
Canta o cuco, canta, canta
A cantar ele vai e vem
Quem quiser casar c'oa filha
Faça carinhos à mãe

Coro
Ela
Canta o cuco, canta, canta
A cantar ele vem e vai
Quem quiser casar c'oa filha
Dê cigarrinhos ao pai
Coro

*Cravo roxo*⁸²

Cancioneiro das Beiras

Cravo roxo à janela
É sinal de casamento
- Menina, recolha o cravo
Que o seu casar inda tem tempo

Ora agora viras tu
Ora agora viro eu
Ora agora viras tu
Meu amor, mais eu

Meu amor, se tu fores
Ao tribunal das formosas
Agarra-te às trigueireinhas
Que as brancas são enganosas

⁸² Ver DIAS, Jaime Lopes. *Etnografia da Beira*. Lisboa: Ferin, 1964, vol. IV, p. 87-88.

Refrão

Rouxinol da pena verde
Não venhas ao meu jardim
Todas as penas acabam
Só para mim não têm fim!

Refrão

Ó meu amor não embarques
Ao **Brasil** não voltes mais
Olha que os beijos das pretas
Sabem a uvas ferrais!

Refrão

*Verde-gaio de Casal d'Álvaro*⁸³

Grupo Típico O Cancioneiro de Águeda – Beira Litoral, Baixo Vouga

Verde-gaio, pena verde
Verde-gaio, pena verde
Vem cantar ao meu jardim
Ai, vem cantar ao meu jardim
Põe o pé na manjerona
Põe o pé na manjerona
O bico no alecrim
Ai, o bico no alecrim

O verde-gaio é meu
O verde-gaio é meu

⁸³ Agradeço a Carlos Saraiva, secretário-geral da Federação do Folclore Português o envio desta moda. Este verde-gaio foi recolhido na aldeia de Casal d'Álvaro em finais da década de 50 pelos fundadores do Grupo Típico O Cancioneiro de Águeda (1958).

Que me custou bom dinheiro
Ai, que me custou bom dinheiro
Custo-me quatro vinténs
Custou-me quatro vinténs
Lá no **Rio de Janeiro**
Ai, lá no **Rio de Janeiro**

Ó terra da minha terra
Ó terra da minha terra
Sombra da minha ramada
Ai, sombra da minha ramada
Eu hei-de voltar a ela
Eu hei-de voltar a ela
Ou solteira ou casada
Ai, ou solteira ou casada

Não há nada que mais cresça
Não há nada que mais cresça
Com' o pé de melancia
Ai com' o pé de melancia
Quem tem o amor ausente
Quem tem o amor ausente
Chora de noite e de dia
Ai, chora de noite e de dia

Verde-gaio, pena verde
Verde-gaio, pena verde
Empresta-me o teu vestido
Ai, empresta-me o teu vestido
O meu vestido são penas
O meu vestido são penas
Em penas ando metido
Ai, em penas ando metido

Referindo-se, ora genericamente ao Brasil, ora de forma mais específica a determinadas cidades, nomeadamente ao Rio de Janeiro, as

canções populares portuguesas, faziam eco da maior movimentação populacional da sua história, referindo a ausência do amado ou da amada na outra margem do Atlântico, ou mencionando aspectos concretos do *modus vivendi* brasileiro.

Notas conclusivas

A recolha, o estudo e a divulgação que têm vindo a ser feitos pelos grupos de Folclore de há várias décadas a esta parte, permitem efectivamente adensar o fraco conhecimento que hoje existe sobre o refluxo dos portugueses que emigraram para o Brasil na segunda metade do século XIX e primeiros decénios do século XX. Pelos verdadeiros grupos de folclore, bem entendido. Esses, os que se dedicam a um trabalho sério e rigoroso de pesquisa e salvaguarda desse grande património que é a cultura popular num determinado período cronológico, detêm fontes que urge explorar. Há um longo caminho a percorrer neste domínio. Este estudo pretendeu demonstrar como algumas dessas fontes permitem focos nunca antes experimentados sobre o fenómeno emigratório que marcou culturalmente tanto o país de acolhimento como o de origem.

A canção popular é, como ficou evidente, uma dessas fontes. Transitava de local para local, de geração em geração, de forma oral. Como um conto. E quem conta um conto.... acrescenta-lhe um ponto. Daí que a moda das saias, com o decorrer dos tempos, tenha passado a incorporar versos alusivos à emigração para o Brasil. São cantigas e danças, sobretudo as danças, no geral, cheias de pontos, como os contos! Sem autor. Sempre! Como expressão anónima do povo que se afirma no tempo e a ele resiste por conter em si reflexos vivos de uma sensibilidade colectiva, comum a indivíduos nascidos no mesmo território. Por vezes, denotando evolução, modificada nalguns pormenores, mas conservando inalterável a ideia fundamental e a maneira particular de a traduzir. Certamente com alguns arranjos, aqui, e acolá, figurando não raro sintagmas edulcorados que facilmente se identificam, onde as memórias dos idosos falhavam, compondo alguns versos, suturando alguns buracos.

Circulando anónima entre o povo, vinda não se sabe de onde, a canção popular é, em toda a parte, na simplicidade dos elementos que a

constituem e no mistério que a envolve, expressão fiel de quem a criou e recriou. Na matriz cultural de um povo, todo o vestígio folclórico ou ergográfico se constitui naturalmente como uma marca, um reflexo da sua maneira de sentir, de crer, enfim... de ser e de viver. A psicologia do povo, a exteriorização da sua voz, do seu sentir, do seu desejo, é na música e na poesia dos cantares que se apreende. A canção é, pois, a alma do povo. E se o Brasil como destino estava no subconsciente do povo português, então compreende-se que o Brasil esteja nas suas canções.

As gentes da terra sempre cantavam, desde a meninice à velhice, nas mais diversas fases da vida. O canto sempre foi um *bom conselheiro* e muitas vezes o *remédio* para o equilíbrio entre corpo e espírito. Dizia-se que “*quem canta seus males espanta*”. Por isso cantava-se na alegria e na tristeza; na certeza, na incerteza e na esperança; na tempestade e na bonança; na fartura e na miséria; no trabalho e no descanso, na felicidade e na dor... Sofria-se cantando, lutava-se cantando, amava-se cantando. Cantava-se quando apetecia e a alma o pedia, sem apuradas composturas, conveniências ou distinção de maneiras. Mulheres, e homens. Homens como aquele que cuspiam nas mãos para se agarrar à enxada cantava desmesuradamente para adoçar a sua existência, sem que isso lhe ficasse mal ou daí viesse mal ao mundo. Rude nos modos e terno nos sentimentos; simples nas crenças, sagaz e penetrante na filosofia da vida; capaz de agarrar toiros pelos chifres e quedar tímido ante a força invisível de bruxedos; era também este o tipo de homem que cantava.

Mas a quem se cantava? Deus, a mulher e a terra, eis a trilogia por excelência que inspirava a canção popular. São estes, por conseguinte, os amores do povo. E, entre os amores, o que mais se cantava era, precisamente, o amor. Nenhum tema ocupa na lírica popular lugar de mais destaque do que a poesia amorosa. O tema dominante das modinhas que se referem ao Rio de Janeiro e outras cidades de forma específica, ou ao Brasil de forma geral, é o amor. O amor no sentido pleno da palavra. De dar a vida e dá-la com alegria, fazer depender a felicidade da felicidade do objecto amado. Um amor de “bem-querer”. Delicada e profunda expressão lusíada, que enleia na adorável simplicidade de três sílabas, “bem querer”, os sentimentos de dedicação e servidão, de lealdade e honestidade, de abnegação e ternura que caracterizam a

maneira especial de amar do povo português a que poderíamos juntar outros vocábulos, também lusos dos sete costados, e pertencentes a uma matriz cultural única, como o vocábulo saudade. É também essa face que encontramos nesta poliédrica abordagem ao fenómeno emigratório, sob o ângulo da cultura popular, nos seus fluxos e refluxos, nas suas transmissões e apropriações. Afinal, a narrativa destas modinhas, que abre a caminho a uma história benjaminiana dos vencidos, não consente olhar o Oceano como um elemento de separação. O que água leva, a água traz, e muito embora seja difícil, senão impossível, determinar se mais levou do que trouxe, a verdade é que essa enorme franja verde-azul nunca separou senão fisicamente as duas margens.

Referências bibliográficas

- ALVES, Jorge Fernandes. *Os Brasileiros. Emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto: [s.n.], 1994.
- ALVES, Jorge Fernandes. O “brasileiro” oitocentista: representações de um tipo social. In: VIEIRA, Benedicta Maria Duque. *Grupos sociais e estratificação social em Portugal no século XIX*. Lisboa: ISCTE, 2004, p. 193-199.
- AGUIAR, Mário Noronha. *A cooperação dos portugueses em Petrópolis*. Petrópolis: Editora Vozes, 1940.
- AMARO, António M. Rafael. A emigração portuguesa da Beira Alta (1890-1939). *Revista do Jubileu da Casa das Beiras*, edição especial, 2004, p. 80-83.
- ASSIS, Joaquim M. Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, Paria: Livraria Garnier, 1899.
- CABRAL, António. *Cancioneiro Popular Duriense*. Vila Real: Centro Cultural Regional de Vila Real, 1983.
- DIAS, Jaime Lopes. *Etnografia da Beira*. Lisboa: Ferin, 1964.
- DUARTE, Abelardo. *Folclore Negro das Alagoas*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 1975.
- FERRARIA, Maria José; AMORIM, Paulo. A emigração para o Brasil através dos livros de registo de passaportes do Governo Civil do Porto (1880-1890). In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 209-220.
- FREITAS, Nuno. *Comunidade Piscatória Poveira: mudanças sociais e emigração em 1896*. Póvoa do Varzim: Câmara Municipal, 2009.
- GOUVEIA, Jaime Ricardo. *Cancioneiro de Leomil*. Viseu: Quartzo Editora, 2014.
- GUIA, A. Bento da. *As vinte freguesias de Moimenta da Beira*. 3.ª ed. Moimenta da Beira: Câmara Municipal, 2001.
- JERÓNIMO, Miguel Bandeira. Oceanos indígenas sem limites. *Visão*, n.º 30, Agosto de 2015, p. 30-37.
- JUNIOR, J. R. dos Santos. *A dança dos pretos (Moncorvo)*, 1930. <http://www.cinematoteca.pt/Cinematoteca-Digital/Ficha.aspx?obraid=8140&type=Video>.
- KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Brasil*. 2 vols. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1940 (a edição original é de 1845).
- LIMA, Jacqueline de C. P.; VILAÇA, Márcio L. C. (eds.). *João do Rio e o Carnaval: um olhar para a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: UNIGRANRIO, 2014.
- LOPES, Maria Antónia. Emigração e população em finais do século XIX. A miragem do Brasil no concelho da Meda (1889-1896). *Revista Portuguesa de História*, t.XXXV, 2001-2002, p. 389-417.
- LUCCOCK, J. *Notas sobre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil (Tomadas durante uma estada de dez anos nesses pais, de 1808 a 1818)*. S. Paulo: Livraria Martins, 1942 (edição original publicada em Londres no ano de 1820).
- MAIA, Fernanda P. S. A emigração para o Brasil no discurso parlamentar oitocentista. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 51-68.
- MARTINS, Ismênia de Lima. Os portugueses e os outros no Rio de Janeiro: relações socioeconómicas dos lusos com os nacionais e demais imigrantes (1890-1920). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 174, n.º461, 2013, p. 81-103.
- MARTINS, Ismênia de Lima. Relações e registos sobre a emigração portuguesa no Rio de Janeiro. Uma análise crítica das fontes. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 69-88.
- MATOS, Maria Izilda S. de. Imigração portuguesa em S. Paulo: perspetivas e possibilidades de investigação. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 291-304.
- MELO, Hildete P. de; MARQUES, Teresa C. de N. Imigrantes portugueses no Brasil a partir dos recenseamentos populacionais do século XX: um estudo exploratório de género. *Gênero*, vol.9, n.º1, 2008, p. 69-88.
- MENDES, Lino. A moda das “saías” na cultura tradicional portuguesa. *Jornal Mundo Lusitana*, Out., 2008.
- MENEZES, Lená Medeiros de. A presença portuguesa no Rio de Janeiro segundo os censos de 1872, 1890, 1906 e 1920: dos números às trajetórias de vida. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 103-120.
- MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. 2.ª ed. S. Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo, 2001.
- NÓBREGA, Pedro Pina. *O movimento migratório dos concelhos de Mangualde e Penalva do Castelo na transição da centúria 1900-1902*. Lisboa: trabalho de demografia histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1925.
- ORTIGÃO, Ramalho. *As Farpas*. 4.ª ed. Lisboa: Empresa Literária Fluminense, 1925.
- PEREIRA, Maria Aparecida F.; FRUTUOSO, Maria S. G. Fontes para o estudo da presença portuguesa em Santos. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 283-290.
- PEREIRA, Miriam Halpern. A emigração portuguesa para o Brasil e a geoestratégia do desenvolvimento euro-americano. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 41-50.
- PEREIRA, Miriam Halpern. *A política de emigração (1850 a 1930)*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.
- PINTO, Filipe Costa. *Enciclopédia das festas populares e religiosas de Portugal. Catálogo de festas, feiras e romarias portuguesas*. Vol. II. Lulu.com (e-book, acesso em 3/9/2015).

RAMOS, Rui. A “Vida Nova”. In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. Vol.6. Lisboa: Círculos de Leitores, 1994, p. 125-298.

RODRIGUES, Henrique Fernandes. *Alto Minho no século XIX. Contextos Migratórios, socioculturais e familiares*. Porto: dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Rio de Janeiro, 1938 (edição original publicada em Paris no ano de 1830).

SANTOS, Alberto de Oliveira. Colonias portuguesas em países estrangeiros. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 33.ª série, n.1, 1915, p. 31-37.

SANTOS, Joaquim Loureiro dos. A emigração do distrito do Porto para o Brasil no ano de 1947. In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 221-236.

SANTOS, Paula M. dos; FERREIRA, Jenifer. A emigração do distrito de Viseu para o Brasil entre as duas guerras mundiais (1918-1940). In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 319-336.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. As duas faces da imigração portuguesa para o Brasil (décadas de 1820-1930). *Congresso de história Económica de Zaragoza*, 2001. <http://www.unizar.es/eueez/cahe/volpiscott.pdf> acesso em 31/08/2015.

SERRÃO, Joel. *A emigração portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

SERRÃO, Joel. Conspecto histórico da emigração portuguesa. *Análise social*, 32, 8, 1970, p. 597-617.

SILVA, Brasilina A. P. da. Cartas de chamada: a emigração para o Brasil no concelho de Sernancelhe (1900-1920). In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 305-309.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Documentos para a história da Imigração Portuguesa no Brasil, 1850-1938*. Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, 1992.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A mulher no contexto da imigração portuguesa no Brasil. *Análise Social*, vol. XXII, 92-93, 1986, p. 653-659.

SILVA, Susana Serpa. Escravatura branca. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 10, n.º 119, 2015, p. 76-79.

SÈVES, António de. *Leomil*. Lisboa: Lusitania Editora, Limitada, 1921.

SOUSA, Fernando; MARTINS, Ismênia; PEREIRA, Conceição M. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007.

SOUSA, Fernando; CIRNE, Teresa. Portugueses no norte de Portugal com destino ao Brasil (1805-1832). In: SOUSA, Fernando, et. al. (ed.). *A emigração portuguesa para o Brasil*. Porto: CEPESE, Ed. Afrontamento, 2007, p. 489-491.

STOLL, Emile. Preto velho de Salambé, cachimbo na boca, chinelo no pé: a brincadeira dos pretos do baixo Tapajós (Amazónia Brasileira). *Rituais: transformações cosmológicas e sócio-históricas, X Reunião de Antropologia do Mercosur*, 10-13 Julho de 2013, Córdoba, Argentina, p. 1-14.

TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro*. Vol.1. S. Paulo: Editora 34 lda., 2000.

VAQUINHAS, Irene Maria; NETO, Margarida. Agricultura e mundo rural: tradicionalismos e inovações. In: MATTOSO, José. *História de Portugal*. Vol.5. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, p. 324-336.

WESTPHALEN, Cecília Maria; BALHANA, Altiva Pilatti. Política e legislação imigratórias brasileiras e a imigração portuguesa. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da, et. al. (eds.). *Emigração/Imigração em Portugal. Actas do Colóquio*. Algé: Fragmentos, 1993, p. 17-27.

ZALUAR, Augusto Emílio. *Peregrinação pela província de S. Paulo – 1860-1861*. S. Paulo: Itatiaia Editora, 1975 (a edição original é de 1862).